



# Dia a Dia

## **Relações cortadas**

Historicamente, na Baixada Santista, são poucos os prefeitos que podem se dar a esse luxo. Atualmente, Maria Antonieta de Brito (PMDB), em Guarujá, e Marcia Rosa (PT), em Cubatão, não têm sequer o número de telefone de seus vices.

## **Engajados...**

Falando em Guarujá, os advogados Sidnei Aranha (PV) e Luís Carlos Romazzini (PT) foram vistos juntos em evento da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) local.

## **... e afinados**

A sintonia da dupla sugere sonhos mais altos. Aranha e Romazzini - que é vereador - não descartam uma parceria na tentativa de suceder Maria Antonieta em 2012.

## **Dilema**

Seria em forma de apoio ou até uma candidatura em conjunto. Resta saber quem aceitaria ser vice de quem. Em 2010 Romazzini obteve 18.447 votos a deputado estadual e Aranha 12.519 a federal.



# Praia do Góes, refúgio para poucos em plena Guarujá

Dez minutos de barco a separam de Santos

SIMONE QUEIRÓS  
DA REDAÇÃO

Cerca de dez minutos de barco separam os santistas de uma comunidade que mantém as tradições caiçaras, uma culinária especializada em frutos do mar e uma beleza bucólica. A Praia do Góes, em Guarujá, atrai pessoas de longe e surpreende santistas que, mesmo morando ao lado, desconhecem suas qualidades.

É o caso do filho da terra Walter Filho, que escolheu o local para festejar seu aniversário de 44 anos, completados na sexta-feira. Ele fechou a Pousada Maria Lou, a única do local, para juntar 25 pessoas que vieram de várias partes do País para celebrar a data com ele.

“Eu conhecia a praia de nome e só via quando passava de jet-ski. Mas um amigo veio até aqui, almoçou e me falou muito bem sobre o local. Isso fez pouco tempo e decidi fazer minha festa aqui”.

Em princípio, a ideia era um luau na praia sábado à noite. Mas o clima não ajudou e a festa foi feita dentro da pousada mesmo. “Valeu a pena. Essa praia é segura e a paisagem é muito bonita. Ficamos admirando os navios passando o tempo todo e a iluminação da orla de Santos”.

Walter pretende frequentar a praia e levar outros amigos para o local. “É muito fácil chegar aqui. Os próprios santistas não conhecem”.

Não é o caso de Angélica Mardureira Pinho, de 34 anos, natural de São Vicente. Ela chegou a morar no Góes, local onde sua mãe nasceu e decidiu

## Acesso

“É muito fácil chegar aqui. Os próprios santistas não conhecem”

Walter Filho, morador santista

viver novamente há algum tempo. Faz cinco anos que Angélica deixou o Góes para morar com o marido em Sete Barras, no Vale do Ribeira. Desde então, aproveita os feriados e férias para vir ao Guarujá curtir um pouco da praia e da família. “Sinto falta, embora lá também seja um local tranquilo e com bastante natureza”.

O marido, João Batista Almeida, de 44 anos, já era admirador da praia antes mesmo de conhecer Angélica. Também nascido na cidade vicentina, ele frequentava festas na casa de um amigo no Góes, mas nunca cruzou com Angélica. Algum tempo depois, em uma excursão para Iguape, acabaram se conhecendo. Na conversa, descobriram que este amigo de João era na realidade um primo dela. “Eram tantas coincidências, foi bem engraçado”.

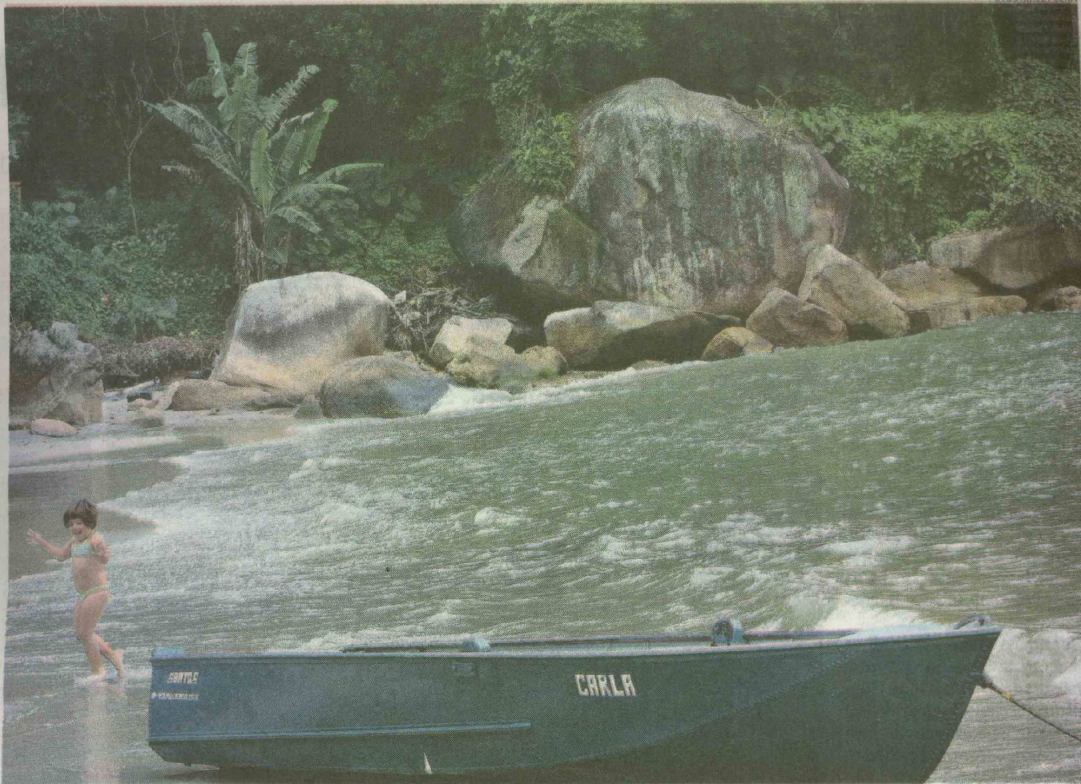
## DIGNO DE FOTOS

Mas o Góes não é lugar só para lazer. Ontem, o produtor de audiovisual José Roberto Inácio estava no local fotografando pontos estratégicos. Seu objetivo era re-

# Continuação



*A Tribuna*  
*Segunda-Feira 15 de Novembro de 2010*



Praia atrai moradores da região, turistas e até famosos em busca de sossego: 800 pessoas chegam a frequentar o local nos fins de semana



Por força da ressaca, o assoreamento atinge a praia, dificultando o acesso dos barcos ao atracadouro

gistrar a chegada e saída de navios de Santos para ilustrar um trabalho que está produzindo. “Estou vendo que aqui é o lugar perfeito mesmo, como imaginei quando estava do outro lado”.

Trabalho também é o objetivo de outro José Roberto, o Fernandes. Ele veio de Goiás há dois anos para Santos em busca de trabalho. Estabeleceu-se na Praia do Góes, onde é garçom de um restaurante e também leva turistas para passear de barco. Pelos seus cálculos, a praia chega a receber a visita de até 800 pessoas em um único final de semana. “No verão vem até mais gente”.

História de pescador ou não, ele afirma que já transportou até pessoas famosas. “Uma vez veio o cantor Netinho aqui. Mas há muitos outros, só que não lembro agora”.

O seu trabalho é requisitado principalmente quando, por força da ressaca e do assoreamento, os barcos não conseguem atracar no ancoradouro. “Isso tem acontecido bastante ultimamente. Mesmo assim os turistas não deixam de vir”.



ARTIGO

## Jogador de futebol deveria receber por produtividade

■ VALTER SUMAM  
Médico e vereador em Guarujá  
Colaborador

Vivemos no país do futebol, paixão da maioria dos brasileiros (as), onde dezenas de equipes, centenas de atletas, fazem a alegria e a tristeza destes apaixonados, que vibram, gritam, se alegram, apostam, brigam, choram, extravasam suas emoções e instintos e até enfartam, pois permitem que a raiva, o desespero, a ansiedade e a desilusão, se transformem em veneno e elevem sua pressão arterial, obstrua suas coronárias ou explodam uma artéria em alguma parte de seu organismo, até que morram de paixão!

Não foi apenas uma vez que atendi em meus plantões, vítimas da paixão pelo futebol, alguns vieram até a morrer por conta desse sentimento descontrolado.

O futebol, essa incrível máquina de arrecadar dinheiro, de construir e destruir ídolos — por vezes do dia para a noite — e de enriquecer dirigentes, técnicos e tantos outros que comercializam estes talentos como preciosas mercadorias. Essa realidade não é um privilégio de nosso país, é talvez, muito mais forte mundo afora.

O cidadão comum, letrado, médico, professor operário, aposentado, cientista, dentista, jornalista, enfim, existem torcedores de todas as profissões, apaixonados por seu time do coração.

Já fui a muitos velórios em que a urna funerária, o caixão, estava coberta com a bandeira do time do falecido. “Aqui jaz um fiel torcedor — até a morte”. Essa morte é gloriosa? Pode-se dizer que morreu por um ideal?

Como médico, me surpreende verificar, que os meus seis anos de faculdade custam o valor que alguns talentosos atletas ganham em apenas trinta dias de trabalho. Sem dúvida, mérito deles, dom divino, talento, sorte...

Porém, todos estes apaixonados torcedores (profissionais) que não tiveram o dom e o talento para o futebol e, ao contrário, vivem do seu suor, sofrimento, esforço, cansaço, fadiga por milhares de dias e noites acordado, estudando ou trabalhando para buscar o sustento para sua família, por meio do ganho pela produtividade, assiduidade, criatividade, do esforço pessoal, da abnegação, sendo que, se não produzirem, não ganham, e apenas se produzirem muito, podem ter a felicidade de uma

promoção e se trabalharem a mais, ganham horas extras.

Todas estas considerações me levam a refletir se as boas atuações no futebol, mesmo sem vitória, não deveriam valorizar aqueles que melhor atuaram na partida. Para as péssimas atuações deveria haver uma punição, aqueles que decepcionaram, do técnico aos jogadores. A melhor forma seria implantar no futebol o ganho por produtividade. Assim, o futebol uma carreira curta, de riscos (e o trabalhador comum, não vive também exposto a essa possibilidade?) estaria mais próximo da realidade nua e crua em que vivemos. O “bolso” é a parte do corpo (vestido) que as vezes mais dói... O jogador de futebol deveria ser punido dessa forma e compartilhar com o torcedor sua dor, esse torcedor que teve a infelicidade de pagar por ingressos para sofrer! Já o jogador, que não dedicou todo seu talento, decepciona, mas não deixa de continuar recebendo seu salário vultoso, mesmo com atuações pífias — é uma grande injustiça!

Que tal todos os apaixonados por futebol refletirem e opinarem a respeito? Quem sabe entraríamos em um consenso?